

ENFOQUE DE ANALOGIAS

A. dos Anjos e G. Benn

Marion Fleischer

Reunida no volume intitulado *Eu*, a obra poética do paraibano Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos mereceu até o presente momento trinta e uma edições, desafiando a crítica literária que, em estudos os mais diversos, tem procurado detectar a força motriz desse livro ora condenado, ora efusivamente elogiado. Nos últimos anos, sobretudo, foram publicados vários trabalhos, alguns dos quais se ocupam especialmente das aproximações estilísticas entre Augusto dos Anjos e outros poetas. Pretendemos aqui estabelecer um confronto entre Augusto dos Anjos e o poeta alemão Gottfried Benn, no intuito de demonstrar, através de alguns de seus poemas, convergências nítidamente delineadas tanto no que se refere aos temas, como no que concerne a linguagem e determinado tipo de imagens. A primeira comparação entre os dois poetas deveu-se a Anatol Rosenfeld, que no ensaio "A costela de prata de Augusto dos Anjos", publicado em 1969 (1), enfatiza as correspondências verificadas no uso que G. Benn e A. dos Anjos fazem da palavra clínico-científica.

O fato é que, não obstante as profundas diferenças do 'clima' espiritual e das condições sociais, dois poetas de origem tão diversa como A. dos Anjos e G. Benn se caracterizam por uma sensibilidade poética semelhante, visível na surpreendente afinidade de sua imagística agressiva, bem como na configuração de conteúdos correlatos. Trata-se de fenômeno curioso, pois, muito embora os dois poetas tivessem sido contemporâneos — A. dos Anjos nasceu em 1884, G. Benn em 1886 —, a coincidência do ano de publicação de suas primeiras obras exclui a possibilidade de um ter tomado conhecimento do outro. Tampouco há indícios de que o paraibano tivesse tido notícia do movimento expressionista que naquela época revolucionava os meios literários alemães. Ao iniciar-se na Alemanha o assim cha-

(1). — In: *Texto/Contexto*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1969, p. 259-266.

mado 'decênio expressionista', A. dos Anjos acabara de fixar residência no Rio de Janeiro, onde passaria a levar uma vida difícil e amargurada, sempre enfermiço, lutando como professor pelo míngua sustento de sua família. Em 12 de novembro de 1914 veio a falecer em Leopoldina (Minas Gerais), vítima de congestão pulmonar.

Se bem que por volta de 1912 já se esboçassem contornos da nova literatura brasileira, que haveria de impor-se na década de 20, prevalecia nos meios intelectuais da época uma poesia acadêmica, que se valia dos requisitos tradicionais do 'bom gosto' e se esgotava em composições ditadas pelos cânones do virtuosismo parnasiano. Diante de tal cenário destaca-se A. dos Anjos, que em 1912 publica seu livro de poesias com um título provocador: *Eu*. No mesmo ano surgem na Alemanha os primeiros poemas de G. Benn, reunidos no ciclo *Morgue*. A reação indignada contra a "imaginação desprovida de toda e qualquer pureza de espírito" que se "desnudava" (2) nos versos de Benn, é fato bastante conhecido. Os poemas de A. dos Anjos foram rejeitados de forma semelhante, como atesta por exemplo Francisco de Assis Barbosa em suas *Notas Biográficas*:

"Nem os poemas do *Eu* poderiam ser declamados nos salões, sob pena de provocar engulhos, risos, vaias. O poeta era inclassificável. O máximo que poderia obter, como ponto de referência, eram adjetivos poucos recomendáveis, como estapafúrdio, aberrante, desequilibrado. Um caso patológico" (3)

As razões dessa acolhida pouco amável encontram-se na temática e no estilo agressivo desse poeta, que derrubava as convenções da expressão harmoniosa, nada via no ser humano senão "moléculas de lama" (4), deificava o verme como "factor universal do transformismo" (5), e cujos versos giravam exclusiva e desesperadamente em torno da "abjecção embriológica da vida" (6). Reencontram-se aqui as concepções e experiências, o repúdio ao ser humano, a vivência da inexorável decadência orgânica que marcam sobretudo os poemas juvenis de G. Benn. O enfoque impiedoso, desfigurações da imagem familiar do Homem, o pessimismo contundente, mas também a lingua-

(2). — Apud Alfred Richard Meyer, "die maer von der musa expressionistica" Düsseldorf, 1948. In: Niedermeyer, Max, ed. *Gottfried Benn — Lyrik und Prosa, Briefe und Dokumente*. Im Bertelsmann Lesering s.d., p. 17.

(3). — Coutinho, Afrânio & Brayner, Sônia — *Augusto dos Anjos. Textos críticos*. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1973, p. 39.

(4). — "Idealização da humanidade futura". In: Anjos, Augusto dos — *Eu*. 31. ed., Rio de Janeiro, Livraria São José, 1971, p. 63.

(5). — "O Deus-Verme" *Id. ibid.* p. 66.

(6). — "Mistérios de um fósforo" *Id. ibid.*, p. 177.

gem situada entre o sublime e o ignóbil, a abarcar momentos horripilantes e líricos, termos científicos e palavras contemplativas, caracterizam os versos tanto do poeta brasileiro como do alemão. Tal coincidência não significa, evidentemente, que A. dos Anjos deva ser visto como poeta expressionista. Mesmo porque as inquietações, a posição revolucionária da geração expressionista, a dissolução das estruturas e dos valores prevaletentes, constatada ou almejada por seus representantes, singularizam as circunstâncias sob as quais nasceu a poesia de Benn, sendo entretanto completamente estranhas ao ambiente em que vivia A. dos Anjos. Certamente os poemas de G. Benn veiculavam as suas experiências pessoais, mas além disso expressavam um sentimento geral que, em seu “ódio contra o mundo civilizado”, “se coligava com as forças elementares, impondo-se através de marés altas, doenças e morte” (7) Também A. dos Anjos defrontou-se com um mundo desassossegado. Tensões políticas e crises econômicas — que por exemplo provocaram a ruína financeira de seus pais — inquietavam o Brasil de então. Tais agitações, e sobretudo os percalços no âmbito da vida familiar, haviam de ferir a sensibilidade do poeta e talvez tornem mais compreensível aquela melancolia sempre ressaltada por seus biógrafos. Todavia, nenhum verso de sua obra deixa transparecer quer uma tomada de posição, quer uma atitude crítica perante a realidade social, política ou cultural de sua época. As crises do poeta brasileiro eram estritamente pessoais: doenças, pobreza, insegurança existencial, e suas investidas dirigiam-se unicamente contra as manifestações da degradante condição humana de que se apercebia em toda parte. Desta conscientização nasceu o sofrimento, mas também o asco à natureza humana, extravasado em inúmeras imagens caústicas, e a certeza de quão inútil é a revolta da criatura contra seu destino repercute em acordes sombrios como estes:

Bati nas pedras dum tormento rude
E a minha mágoa de hoje é tão intensa
Que eu penso que a Alegria é uma doença
E a tristeza é minha única saúde. (8)

O pessimismo que o poeta encontrou na obra de Schopenhauer deve ser encarado como ponto de partida para as correspondências existentes nos poemas de G. Benn e A. dos Anjos. É o pessimismo que medrava na Europa, aquela “grave doença” referida por Benn em comentário a propósito de sua própria atuação dentro do período ex-

(7) — Wellershoff, Dieter — *Gottfried Benn. Phänotyp dieser Stunde*. Berlim, Ed. Ullstein, 1964, p. 46.

(8) — “Queixas nocturnas” In: Anjos, Augusto dos, *op. cit.*, p. 160.

pressionista, marcado pelos contrastes entre “instinto e alma, constituição e reconhecimento, espírito e vida (.)” (9) Essa “grave doença”, que na Alemanha provocou uma “crise geral da época”, contaminou no Brasil um poeta solitário que não se rebelava contra os odiosos ‘filisteus’, e tampouco tinha conhecimento do “sopro da decadência, emanado da pujante flor da civilização” (10) Ainda assim configurou a imagem da decadência em veementes e tão terríveis visões, que Gilberto Freyre com muita razão observa:

“Havia em Augusto dos Anjos alguma coisa de um moderno pintor alemão expressionista. Um gosto mais de decomposição do que de composição. (.) Limita-se às formas convencionais, de verso, é certo, mas uma aspereza tôda sua, uma angulosidade de expressão servida pelo seu conhecimento de palavras duramente científicas, dá aos seus poemas um audacioso sabor mais para os olhos que para os ouvidos que insistirei em comparar ao das “decomposições” dos expressionistas alemães” (11)

“De vísceras arrefecentes”, escreveu G Benn em seu poema *Médico II*,

terra vomitou, como fogo de outros buracos,
um aglomerado de sangue —:
Coisa que cambaleia
presunçosamente pela trajetória descendente
rumo às sombras (12)

O ser humano como matéria sem sentido, expelida acidentalmente pela terra, algo amorfo, submetido ao implacável processo de decomposição: com visões dêsse gênero Benn desafia a “comodidade biopositiva de seus contemporâneos” (13) Imagem similar, a apontar para a origem do ser humano e a natureza asquerosa de sua existência, encontram-se na obra do paraibano. Assim, por exemplo, nos versos significativamente intitulados *Homo Infirmus* que, no contexto das tendências literárias de seu tempo, deviam afigurar-se igualmente chocantes:

(9). — Apud Buddeberg, Else — *Studien zur lyrischen Sprache Gottfried Benns*. Düsseldorf, Pädagogischer Verlag Schwann, 1964, p. 9.

(10) — Pinthus, Kurt, ed. *Menschheitsdämmerung*. Hamburgo, Ed. Rowohlt, 1964, p. 27

(11). — In: Coutinho, Afrânio & Brayner, Sônia — *op. cit.*, p. 136-137.

(12). — In: Benn, Gottfried — *Gesammelte Werke. Gedichte*. Wiesbaden, Ed. Limes, 1963, v. 3, p. 12. A tradução dos versos de Gottfried Benn restringe-se à reprodução de seu conteúdo.

(13). — Wellershoff, Dieter, *op. cit.* p. 44.

Fruto injustificável dentre os frutos,
Montão de estercorária argila preta,
Excrescência de terra singular. (14)

Nos poemas de A. dos Anjos o ser humano é tão abjeto quanto nos versos de G. Benn: uma “engrenagem de vísceras vulgares” (15), “carne, feixe de mônadas bastardas” (16), “trinta trilhões de células vencidas, /Nutrindo uma efeméride inferior” (17), “herança miserável de micróbios” (18), “armação funerária das clavículas” (19) — eis no que se resume o Homem, e portanto também a Vida pode apenas ser vista como “mônada vil, cósmico zero, /Migalha de albumina semifluida” (20). Impõe-se aqui a correspondência substancial com a ‘mensagem’ desilusionista de Benn, que representa a espécie humana como “amontoado bulboso” (21), desagrega a sua imagem, reduzindo-a a um “grumo de gordura” (22), e evoca em inúmeras variações aquelas “existências sem sentido”, destinadas à decomposição física, que não só povoam os seus primeiros versos, mas ainda determinam as imagens crassas de um poema como o *Caos*, publicado em 1924.

Em *O Poeta do Hediondo* escreveu A. dos Anjos:

Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morto! (23)

E sob o título *Minha Finalidade* encontram-se os versos:

Predeterminação imprescriptível
Oriunda da infra-astral Substância calma
Plasmou, aparelhou, talhou minha alma
Para cantar de preferência o Horrível! (24)

-
- (14) — In: Anjos, Augusto dos, *op. cit.*, p. 205.
(15) — “Monólogo de uma sombra”. *Id. ibid.*, p. 53.
(16) — “Apóstrofe à carne” *Id. ibid.*, 184.
(17) — “Anseio” *Id. ibid.*, p. 219.
(18) — “Monólogo de uma sombra”. *Id. ibid.*, p. 54.
(19) — “Decadência” *Id. ibid.*, p. 119.
(20) — “Mistérios de um fósforo”. *Id. ibid.*, p. 176.
(21) — “Der Arzt II” In: Benn, Gottfried, *op. cit.*, p. 12.
(22) — “Mann und Frau gehn durch die Krebsbaracke” *Id. ibid.* p. 14.
(23) — In: Anjos, Augusto dos, *op. cit.*, p. 203.
(24) — *Id. ibid.*, p. 206.

O poeta, “impressionado sem cessar com a Morte” (25), é afligido pelo “espectro angulosíssimo do Mêdo” (26) e atormentado por “alucinações de tôda a sorte” (27) Talvez explique-se assim o fato de A. dos Anjos defrontar-se em toda parte com a presença angustiante da “môscas alegre da putrefação” (28) Para ele — assim como para Benn — o ser humano nada mais é do que um organismo fadado à decomposição, sendo a destruição física entendida por ambos os poetas como repugnante processo da natureza. O jovem Benn insurgiu-se contra tal fatalidade

“com a fúria, a exasperação e a tristeza de um inquisidor que reconheceu o movimento descendente, a realizar-se através de estágios de sofrimento e decadência até a morte” (29)

Representou esses “estágios”, movido pelo desejo de agredir aqueles seus contemporâneos que chamou de

“tipos de consumo, organizados materialisticamente, tipos-montagem, otimistas e sem profundidade, que cínicamente deixaram para trás toda e qualquer noção de fatalidade humana” (30)

A obra de A. dos Anjos não permite entrever semelhante atitude polêmica; não obstante, suas imagens da desagregação física são tão repulsivas quanto as do poeta alemão, e nelas expressam-se horror e desespero, mas também uma “eterna mágoa”, tal como se manifesta no poema homônimo. Nas poesias de G. Benn a decomposição é desvendada e exemplificada nos necrotérios, nas estações de câncer, em bordéis e cafés, no âmbito do consultório médico: “Carne nivela-se à terra (. . .)/ Seiva começa a escorrer” (31), “a carne desfaz-se” (32) Uma galeria macabra de caricaturas da existência humana demonstra: “azul-cadáver é o final” (33) A imagem da carne em dissolução encontra-se de maneira análoga em A. dos Anjos, como se verifica na *Noite de um Visionário*:

(25). — “A ilha de Cipango” *Id. ibid.*, p. 148.

(26) — “Mistérios de um fósforo”. *Id. ibid.*, p. 176.

(27) — “A ilha de Cipango” *Id. ibid.*, p. 148.

(28). — “Idealização da humanidade futura”. *Id. ibid.*, p. 63.

(29) — Lohner, Edgar — *Passion und Intellekt. Die Lyrik Gottfried Benns*. Neuwied am Rhein, 1961, p. 86.

(30) — Benn, Gottfried — *Gesammelte Werke*. Wiesbaden, Ed. Limes, 1962, v. 1, p. 154.

(31) — “Mann und Frau gehn durch die Krebsbaracke”. In: Benn, Gottfried, *Gesammelte Werke*, v. 3, p. 15.

(32) — “Eine Leiche singt”. *Id. ibid.*, p. 360.

(33). — “Banane” *Id. ibid.*, p. 86.

A química feroz do cemitério
Transformava porções de átomos juntos
No óleo malsão que escorre dos defuntos,
Com a abundância de um *geyser* deletério. (34)

Mas o símbolo do aniquilamento orgânico é o verme, cuja atividade A. dos Anjos descreve exaustivamente nas mais brutais imagens. (35) Trata-se de motivo recorrente também nos poemas *Um Defunto Canta* e *Paredes Brancas* de G. Benn.

Na obra de A. dos Anjos a consciência do “ocaso sistemático de pó” (36) e a revolta contra as “prisões carnavais” (37), resultam em anseio por libertação; uma das possibilidades de vê-lo realizado encontra-se expressa pelo poeta nos versos *A um Gérmen*:

Antes, geléa humana, não progridas
E em retrogradações indefinidas,
Volvas à antiga inexistência calma!..

Antes o Nada, oh! gérmen, que ainda haveres
De atingir, como o gérmen de outros sêres,
Ao supremo infortúnio de ser alma! (38)

O desenvolvimento da existência ‘germinal’ para o “supremo infortúnio de ser alma” significa o despertar para a vivência sofrida da inevitável desintegração: das “duras leis (. . .) que os homens e a hórrida hidra/ A uma só lei biológica vinculam” (39) Em outro poema lê-se:

Raciocinar! Aziaga contingência!
Ser quadrúpede! Andar de quatro pés
É mais do que ser Cristo e ser Moisés
Porque é ser animal sem ter consciência! (40)

E em *Insânia de um Simples* situa-se a estrofe:

Ser semelhante aos zoófitos e às lianas,
Ter o destino de uma larva fria,

(34). — In: Anjos, Augusto dos, *op. cit.*, p. 142.

(35) — Cf. “O Deus Verme”, “Monólogo de uma sombra”, ‘Psicologia de um vencido’ e outros.

(36) — “Viagem de um vencido”. In: Anjos, Augusto dos, *op. cit.*, p. 232.

(37) — “Queixas Nocturnas” *Id. ibid.*, p. 160.

(38) — *Id. ibid.*, p. 188.

(39) — “Sonetos III” *Id. ibid.*, p. 135.

(40) — “Mistérios de um fósforo” *Id. ibid.*, p. 175.

Deixar enfim na cloaca mais sombria
Este feixe de células humanas! (41)

Em versos desse gênero manifesta-se um desejo de regressão, cuja meta é a dissolução da consciência, continuamente confrontada com a miséria humana. Na obra do jovem Benn a idéia da regressão é formulada em imagens comparáveis, assim por exemplo nos *Cânticos*:

Se pudéssemos ser nossos antepassados!
Uma porção de gosma no cáldo brejo.
Que vida e morte, fecundação e nascimento
De nossas mudas seivas escoassem. (42)

Nessa fase de sua produção poética, o regresso à “porção de gosma no cáldo brejo” significou também para G. Benn a superação do “pobre animal encefálico” e da sua vivência dolorosa. Mas, enquanto A. dos Anjos procura na existência de zoófitos e lianas a eliminação do sofrimento consciente em face àquela “mecânica nefasta/A que todas as cousas se reduzem” (43), Benn deseja a regressão, o anulamento da consciência, no sentido de uma libertação do ‘Eu’ civilizado fragmentado, ansiando por uma “inconsciência vegetativa sem querenças” (44). As imagens regressivas de Benn aspiram ao “esquecimento da separação entre o eu e o tu” (45), ao mergulho na “torrente ébria” da vida. A cosmovisão de A. dos Anjos desconhece tal imersão extática no universo. Não obstante, surgiram de sua pena versos que, arraigados na mesma experiência básica, se aproximam daqueles escritos por seu contemporâneo na Alemanha.

Em outros poemas A. dos Anjos busca num mundo superior abstrato a sua libertação, num mundo onde a vida se desprende “do humano aspecto fero” (46) através de “uma interior metamorfose” “nas (. .) arcas cerebrais” (47), e onde o ‘Eu’ troca sua “forma de homem/Pela imortalidade das Idéias” (48), repousando, essência pura, “na luz dos astros imortais/Abraçado com tôdas as estrêlas”

(41) — *Id. ibid.*, p. 95.

(42) . — In: Benn, Gottfried, *Gesammelte Werke*, v. 3, p. 25.

(43) . — “Monólogo de uma sombra” In: Anjos, Augusto dos, *op. cit.*, p. 52.

(44) . — Apud Buddeberg, Else, *op. cit.*, p. 11.

(45) . — “Der Sânger” In: Benn, Gottfried, *Gesammelte Werke*, v. 3, p. 59.

(46) . — “O meu Nirvana” In: Anjos, Augusto dos, *op. cit.*, p. 182.

(47) . — “Insônia”, *Id. ibid.*, p. 164.

(48) — “O meu Nirvana” *Id. ibid.*, p. 182.

(49) Expressa-se aqui uma rejeição triunfante da Vida, a aspiração veemente para uma existência puramente espiritual, cabendo ressaltar que a imagem da metamorfose interior, a operar-se “nas arcas cerebrais” faz recordar imediatamente a “cerebralização progressiva” de G. Benn. Mas na obra dêste a passagem para as frias regiões do espírito é realizada com a dolorosa consciência de que renegar a Vida significa renunciar ao “êxtase das coisas”, restando apenas: o vazio e a solidão do “eu estigmatizado” (50)

Os pressupostos, portanto, que na obra de G. Benn e A. dos Anjos levaram a uma indagação do sentido da existência humana, bem como suas interpretações e conclusões, definem-se de acôrdo com a individualidade de cada um, vinculando-se às condições próprias de seus respectivos meios culturais. Apesar disso, os exemplos apontados tornam evidente que vivências básicas são congêneres na produção poética dêstes dois “inquisidores”. Para ambos é o ser humano objeto de suas investigações — as respostas apresentam freqüentemente extraordinárias analogias.

(49) — “Queixas nocturnas”, *Id. ibid.*, p. 160.

(50) — “Nur zwei Dinge”. In: Benn, Gottfried, *Gesammelte Werke*, v. 3, p. 342.